

Economistas dos EUA vêem a medida como apropriada

Mas real deve continuar fraco no curto prazo

Getulio Bittencourt
de Nova York

A unificação dos mercados de câmbio comercial e câmbio flutuante "é um sinal muito positivo", afirma o economista senior do ING Barings para a América Latina, Arturo Porzecanski, "porque mostra que o Banco Central está trabalhando com os mercados, e não contra os mercados". É uma opinião partilhada por vários de seus colegas.

A decisão é parte do novo ambiente, e deriva da necessidade de "eliminar imperfeições do mercado sob o regime de câmbio flutuante", notam dois economistas do Salomon Smith Barney, Joseph Petry e Thomas Trebat. Ambos vêm a decisão como apropriada para adaptar a política ao novo regime de flutuação do real.

Mas Petry e Trebat entendem que a despeito disso a moeda brasileira deve continuar fraca no curto prazo, pressionada pelo dreno insistente das reservas internacionais do país. Eles notam que esta é a última semana da sessão especial do Congresso, e observam que é importante observar as votações para verificar o apoio adicional às reformas.

Reação

Embora Porzecanski considere positiva a unificação dos dois câmbios, ele acrescenta que isso não é suficiente para estabilizar a moeda. "Não se trata de uma iniciativa do governo, mas de uma reação", argumenta. "É benvinda, mas é só uma reação. O governo Cardoso precisa agora retomar a iniciativa, colocar-se à frente dos acontecimentos para tentar dirigí-los".

Como? O economista uruguai do banco holandês tem algumas sugestões: (1) anunciar cortes de gastos do governo federal; (2) acelerar o programa de privatizações, anunciando a venda de novas empresas; e (3) aumentar os juros nominais. O terceiro ponto parece

atrair maior oposição interna, mas a seu ver seria decisivo para estabilizar o real atualmente: "Os juros reais no Brasil ficaram subitamente 30% mais baratos com a desvalorização da moeda nos últimos dias", observa ele. "Isso sem contar a expectativa de inflação, que todo mundo sabe que não vai ficar mais perto de zero, e pode variar de 8% a 15%. Isso significa que a taxa de juros nominal pode subir para até 70%, que deve permanecer no patamar real em que estava antes da flutuação da moeda".

O pequeno aumento que o governo brasileiro deu nos juros internos, segundo o ING Barings, é claramente insuficiente para conter a saída de dólares. Petry e Trebat do Salomon Smith Barney igualmente esperam por "aumentos nas taxas de juros na medida em que o Banco Central procura responder aos ataques especulativos" contra o real.

Mais ação

Há um certo consenso nesse aspecto. "Nós esperamos que tanto a taxa de juros como a inflação devem subir no curto prazo, embora os juros possam cair em termos reais na medida em que a inflação sobe, ou que os mercados decidam que precisam de uma proteção cambial menor", argumenta o estrategista de América Latina no Morgan Stanley Dean Witter, Robert J. Pelosky.

Ele retornou de uma viagem ao Brasil na semana passada bastante animado com o que viu. "Praticamente ninguém acha que a desvalorização é uma cura para todas as doenças: pelo contrário, há um reconhecimento generalizado de que é preciso agir mais", descreve Pelosky. "Ficamos com a impressão de que as decisões do governo vão levar a um aumento no apoio do Congresso ao pacote de reformas fiscais".

A impressão é de que as decisões do governo vão levar a um aumento no apoio do Congresso às reformas fiscais